

A cultura da atividade e o trabalho com idosos

The culture of activity and the work with old people

Priscila Zazyki Marques*

Sergio Antonio Carlos**

Resumo

Este artigo discute a valorização e a disseminação da cultura do envelhecimento saudável, amplamente difundido nos trabalhos realizados com idosos e conseguido principalmente por meio da atividade física. A partir do entendimento das teorias do desengajamento e da atividade em trabalhos do campo da gerontologia, observamos que a teoria da atividade é usada como referência primeira para grande parte dos trabalhos com esta população no cenário atual. Tal perspectiva estimula uma “reprivatização da velhice”, como apontou Debert, e favorece a instalação de uma “cultura da atividade” (cultura segundo Clifford Geertz). Finalmente, a “teoria da vara” é usada a fim de ten-

tar entender como o cenário do trabalho com idosos pode modificar-se daqui para frente com vistas à adequação à heterogeneidade que marca essa faixa da população.

Palavras-chave: teoria da atividade, idosos, cultura, heterogeneidade.

* Psicóloga; Mestrado em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

** Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Recebido em out. 2005 e avaliado em dez. 2005

O velho escapa ao fastio de um excessivo lazer povoando-o de tarefas, de exigências que se traduzem para ele em obrigação; evita, assim, fazer-se a angustiante pergunta: Que fazer?

A cada instante ele tem o que fazer...

Simone de Beauvoir, 1990

Introdução

O século XX foi um período importante com relação ao idoso, pois nele passou a se delinear um novo entendimento do que é a velhice. Essa nova concepção apoiou-se na criação das associações geriátricas e gerontológicas que delineavam as diretrizes de um envelhecer saudável (HADDAD apud ALVES JÚNIOR, 2004). A partir da década de 1990, “a saúde, o bem-estar, a qualidade de vida e a longevidade tornaram-se valores a serem perseguidos” (LO-VISOLO apud ALVES JÚNIOR, 2004).

Em várias áreas do conhecimento humano foram feitos esforços no sentido de entender o processo de envelhecimento, salientando-se principalmente a antropologia, a psicologia e a sociologia. As teorias do envelhecimento começaram a ser sistematizadas da década de 1960, compondo a primeira geração, e propunham modelos de aplicação universais. As teorias do desengajamento e da atividade fazem parte desse processo inicial, compondo as teorias sociológicas do envelhecimento. Pela sua importância, ambas são utilizadas até hoje, mesmo sendo parciais. A unidade de análise nessa geração de teorias é o indivíduo, enfocando papéis sociais e normas de ajustamento ao envelhecimento (PY, 2002).

Este trabalho pretende discutir, com base no entendimento dessas duas teorias, a difusão da utilização da teoria da

atividade como base para grande parte dos trabalhos destinados aos idosos em nossa sociedade.

Desenvolvimento

A teoria do desengajamento tenta explicar o processo de envelhecimento entendendo que os idosos que procuraram se manter ativos sofreram um conflito íntimo, pois o desejo de expansão do espaço vital é contraditório com o fim da vida. Entende que o idoso desejaria certas formas de isolamento, a redução de contatos sociais (desvinculação), e que, ao fazê-lo, se sentiria feliz e satisfeito, com um maior bem-estar. Essa desvinculação ou desengajamento dar-se-ia por vontade do indivíduo e seria um processo inevitável. Esse afastamento ocorreria também pela via da sociedade, que liberaria o idoso de seus papéis sociais e suas obrigações. Um aspecto positivo que a teoria percebe é que o idoso, ao se desvincular, teria um período de maior liberdade, não tendo de acatar determinadas normas sociais (LEHR, 1980).

A outra teoria é a da atividade, que influencia até hoje os movimentos sociais de idosos e orienta projetos na área de lazer e educação não formal. Esses projetos usam como proposição central o pressuposto de “que a atividade social é em si e por si benéfica e produz uma maior satisfação com a vida” (SALGADO, 1999, p. 85), ou seja, a atividade física e mental é o meio pelo qual o idoso atingiria uma melhor qualidade de vida. Seria interessante, portanto, manter os níveis de atividade dos estágios anteriores da vida, pois isso levaria a um envelhecimento bem-sucedido. A felicidade e a satisfação na velhice estariam

condicionadas à ação e à descoberta de novos papéis. Essa teoria propõe, assim, um padrão de sucesso na velhice, determinando que a pessoa que envelhece em boas condições é aquela que permanece ativa (PY, 2002). Os grupos de convivência tentariam, portanto, compensar as perdas de papéis, funções e contatos (LEHR, 1980). Enfim, é uma teoria que pretende ser universal, colocando os idosos num ideal de ação e velocidade, motivando o engajamento, que muitas vezes pode ser alienado. Isso, de certo modo, reflete a lógica da produtividade, da eficácia presente no mundo do trabalho, na qual o sujeito tem o seu comportamento condicionado por um objetivo bem claro de produzir, de não parar.

O consenso entre essas duas teorias é de que elas representam o envelhecimento para alguns indivíduos, mas não para todos. Esse momento da vida é uma construção que vai depender das condições financeiras, culturais, de saúde, personalidade etc. Alguns estudos, por exemplo, mostraram que a melhoria do bem-estar, relativo a um maior envolvimento social, só ocorre em grupos de baixa renda (STUART-HAMILTON, 2002).

Assim, a grande disseminação do uso da teoria da atividade parece estar criando uma cultura da atividade, estimulando a crença de que as pessoas de mais idade são as principais responsáveis pela condução adequada do próprio envelhecimento, o que Guita Debert (1999) denomina a “reprivatização da velhice”. Para atingir esse objetivo basta que o idoso adote uma série de medidas, como, por exemplo, exercícios físicos regulares, alimentação balanceada, controle das emoções negativas, entre ou-

tras. A difusão desta crença acaba embasando e estimulando a máxima altamente difundida em nossa sociedade de “só é velho quem quer”. Cria-se, desse modo, a representação de que a velhice bem-sucedida está ao alcance de todos, bastando, para isso, adotar um estilo de vida e consumo apropriados. Esse cenário acaba gerando uma culpabilização dos idosos, que não conseguem assim se reconhecer. Portanto, segundo o discurso, principalmente de geriatras e gerontólogos, o fato de um velho se encontrar abandonado e dependente é decorrência de uma espécie de “negligência auto-infringida”. Debert (1999) afirma ainda que essa competição entre os campos e saberes acabou por impregnar-se no modo como cada idoso reflete sobre o que é a velhice, e como experiência.

Alves Júnior (2004) também percebe esse movimento social, apontando para o desenvolvimento do que chamou de “pastoral do envelhecimento ativo”. Esta procuraria propagar a terceira idade ativa camuflando as outras realidades relacionadas ao adoecimento, a dependência e a outras dificuldades de várias ordens. Segundo este autor, ocorreu a glamourização do envelhecimento saudável, engajado e ativo. Por meio dessa ótica, condenam-se aqueles que não optam por uma vida de engajamento associativo, que incluía atividades físicas e de lazer. Diz ainda que as referências relacionadas a uma tentativa de definir a velhice (como, por exemplo, “feliz idade”, “melhor idade”, “boa idade” ou “terceira idade”) pecam pela ingenuidade aliada à tentativa de homogeneização de pessoas que só têm em comum o fato de nascerem na mesma época.

Segundo Alves Júnior (2004), a terceira idade (substituta da velhice) ativa e engajada tem sido a fórmula de maior sucesso, não por acaso fazendo parte das políticas sociais destinadas aos idosos. Instituiu-se, assim, a nova moral do envelhecimento ativo, que busca de todas as maneiras subterfúgios para esconder a velhice ou, mesmo, ignorá-la. Ser velho passou a se relacionar com os dependentes, inativos e isolados socialmente que estão na quarta idade. O discurso das doenças e a conotação negativa do envelhecer acabam sendo substituídos por uma nova higiene de vida, a do idoso ativo, que acaba fazendo qualquer coisa, independentemente de uma reflexão sobre o que é feito e por que lhe é proposta determinada atividade.

A importância que se dá ao aspecto do envelhecimento ativo evidencia-se também em vários artigos da área, como, por exemplo, no intitulado “Envelhecimento ativo – uma conjuntura política” do Departamento de Promoção da Saúde Mental – Envelhecimento e curso de Vida da Organização Mundial da Saúde (2002). Neste se afirma:

A adoção de estilos de vida saudáveis e a participação ativa no próprio cuidado é importante em todos os estágios da vida. E nunca é tarde para iniciar este comportamento, segundo mostram as pesquisas. Assim sendo, hábitos como tabagismo, sedentarismo, alimentação, saúde oral e alcoolismo devem ser mudados a qualquer momento, sabendo-se que resultarão em benefícios.

Um reflexo dessa situação são os grupos de terceira idade, que supostamente existiriam para estimular o processo de individuação,¹ mas, em sua grande maioria, propõem atividades que, na realidade,

reforçam a lógica da produção: “Mexa-se”; “Não fique parado”; “Tempo é dinheiro”; “Faça muitas coisas e você estará inscrito no mundo produtivo”; “Exercícios fazem bem à saúde”. Fazem, assim, com que o idoso aposentado assuma um regime de tempo, que pretende tornar rentável a totalidade do tempo, evitando que ele escoe num tempo “perdido”. A proposta “ativista”, como denominou Alves Júnior (2004), “encontrou no ambiente associativo o espaço ideal para a prática de seus mais caros princípios. As associações de idosos, como clubes ou universidades, surgiram como antídoto, uma verdadeira panacéia contra a velhice”.

Magalhães (apud LADISLAU, p. 17) também faz uma crítica às atividades propostas para os idosos nos grupos de convivência, apresentando a dificuldade de adaptação dessas ao grupo que pretendem atingir:

Assim os idosos destinados a uma atividade permanente de brinquedos e brincadeiras transmitem-nos uma sensação de grotesco [...]. Encarando-os apenas como *Homo Ludens* parece-me muitas vezes que estamos brincando com os idosos como se fossem crianças, o que nos dá uma sensação de alienadores da real densidade de seu patrimônio sócio-cultural, ao longo de uma existência de aprendizado.

Podemos também perceber a instituição do ativismo num texto de Silva (2002), que fala de um projeto nos centros de convivência que pretendem favorecer o contato interpessoal e grupal, desenvolvendo a sociabilidade e a criatividade, a auto-estima e a quebra do isolamento do idoso. Acrescenta que esse espaço social foi criado “para ocupar o tempo livre,

trazendo a mudança de hábitos e atitudes na vida cotidiana do idoso, substituindo a inatividade pela atividade, o isolamento pela convivência, o ócio pelo lazer”. Dessa colocação em forma de díades, decorrem as seguintes analogias: o velho que está inativo está isolado e no ócio, e o velho que está ativo está convivendo com outros e tem lazer, criando um discurso moral, capaz de influenciar de forma negativa aqueles que não conseguem se encaixar nesses critérios de velhice bem-sucedida.

Outros exemplos dessa disseminação da teoria da atividade podem ser encontrados, como no *site* da Prefeitura da Cidade de Porto Alegre (RS), de onde tomamos os seguintes recortes (grifos dos autores do artigo):

Encontro Anual sobre Envelhecimento

Realizado anualmente durante três dias, o projeto reúne grupos de todas as regiões da cidade, que participam de atividades de integração, vivências e palestras sobre envelhecimento saudável.

Espaço Aberto da 3ª Idade

Evento composto por oficinas sobre temas relativos à Terceira Idade realizado a cada semestre em uma região da cidade. Constitui-se de um espaço de reflexão e debate onde os participantes são estimulados a serem multiplicadores da proposta de envelhecimento saudável em sua região.

Bate-papo sobre Qualidade de Vida

São encontros sistemáticos interativos realizados em todas as regiões da cidade por palestrantes voluntários como médicos, psicólogos, advogados e professores gerontólogos da SME, que debatem atividade física e cidadania para um envelhecimento com qualidade de vida.

Terceira Idade

O objetivo do Programa é desenvolver um trabalho na área da atividade física que busque uma melhor qualidade de vida, para adultos e terceira idade. Além de promover momentos de reflexão sobre o envelhecimento e suas conseqüências sociais, o Programa articula a participação de adultos e idosos, aprofundando sua relação com a comunidade.

Outro trecho, do jornal *Zero Hora* (que circula no Rio Grande do Sul), traz mais uma demonstração desse estímulo à atividade, mostrando que para comemorar o Dia do Idoso (27/09) um hospital da capital, Porto Alegre, proporcionou uma programação com dois eventos como um presente especial, que eram três horários de dança gratuita para os idosos que participassem da comemoração.

Os trechos destacados corroboram a importância da atividade física, bem como da reprivatização da velhice, pois o idoso é estimulado a “refletir” sobre o seu envelhecimento, baseando sua rotina na atividade física como referência primeira. Essa supervalorização pode levar a um descaso com outras facetas do ser humano, como, por exemplo, a afetividade, a religiosidade, a psique, a cultura, a educação, enfim, tantas outras necessárias ao desenvolvimento global das pessoas em todas as idades.

Com base nessas colocações, que estão baseadas na visão sobre envelhecimento dos profissionais envolvidos nos projetos com os idosos, estabelecem-se verdades e crenças que acabam determinando um estilo de comportamento que se torna comum ao conjunto dos indivíduos de uma determinada cultura, entendendo

que a cultura na qual o indivíduo está inserido molda sua forma de envelhecer (CUCHE, 1999).

Entender como se dá a relação entre o sujeito e a cultura auxilia a compreender como se chegou a esse quadro. Segundo Calloni (1995), a cultura é a maneira pela qual as relações sociais de um grupo são estruturadas e moldadas, mas é também a maneira pela qual aquelas formas são experienciadas, compreendidas e interpretadas. Essas estruturas de relações sociais e de significados moldam a existência coletiva e também limitam, modificam e restringem o modo como os grupos vivem e reproduzem sua existência social.

Roger Kissign (apud LARAIA, 1996) elaborou um esquema que tenta explicitar a reconstrução do conceito de cultura na modernidade, no qual ele incluiu o entendimento de cultura do antropólogo Clifford Geertz como fazendo parte das teorias idealistas de cultura. A abordagem de Geertz considera a cultura como sistemas simbólicos.² Para ele a cultura deveria ser considerada não como um complexo de comportamentos concretos, mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções para governar o comportamento. Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos a receber um programa, que é o que chamamos de “cultura”. Estudar a cultura é, portanto, estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura (LARAIA, 1996).

Baseado no conceito de *habitus* de Bourdieu, Cuche (1999) analisa que toda a cultura é um processo de permanente construção, desconstrução e reconstrução, sendo compreendida a partir daí como um

conjunto dinâmico, mais ou menos coerente e mais ou menos homogêneo, estando em constante disputa. Os elementos que compõem uma cultura, porque provêm de origens diversas tanto no espaço como no tempo, nunca se integram totalmente uns com os outros. Por outras palavras, há sempre margem de jogo no interior do sistema (extremamente complexo). A margem de jogo é esse interstício no qual se insinua a liberdade que os indivíduos e os grupos têm de “manipular” a cultura. O indivíduo e a cultura são concebidos como duas realidades distintas, mas indissociáveis que agem uma sobre a outra: uma só pode ser compreendida pela sua relação com a outra. Desde os primeiros instantes de vida, o modelo cultural impregna o indivíduo, por meio de todo um sistema de estímulos e de interditos, formulados ou não explicitamente, o que o leva, uma vez adulto, a obedecer, de modo inconsciente, aos princípios fundamentais da cultura (CUCHE, 1999).

A partir da identificação da instituição dessa cultura da atividade que se associou aos programas para idosos, faz-se necessário trabalhar também com aspectos do envelhecimento que não se restringem à saúde física e à atividade como objetivos primeiros, proporcionando àqueles idosos que não estão em condições de fazer atividades físicas que também possam ser assistidos neste momento da vida. Mas como poderá acontecer esse movimento? Que outra cultura se difundirá nos trabalhos com idosos? Que tipo de movimento ocorrerá nesse processo?

Demerval Saviani aposta que os movimentos, quando estão lidando com posições extremas, precisam de outras

posições de mesmo extremismo para poderem se mesclar. Em seu livro *Escola e democracia*, Demerval retomou uma frase enunciada por Lênin ao ser criticado por assumir posições extremistas e radicais. Lênin respondeu à crítica da seguinte forma: “Quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto” (SAVIANI, 1985, p. 41). Ele explica que do mesmo modo ocorreria no embate ideológico, pois

não basta enunciar a concepção correta para que os desvios sejam corrigidos; é necessário abalar as certezas, desautorizar o senso comum. E para isso nada melhor do que demonstrar a falsidade daquilo que é tido como obviamente verdadeiro demonstrando ao mesmo tempo a verdade daquilo que é tido como obviamente falso (SAVIANI, 1985, p. 63).

A “teoria da curvatura da vara”, como apresentada por Saviani, mostra-nos que esse momento pode ser o de esticamento da vara para um dos lados, o da teoria da atividade, e faz-se necessário haver um movimento no sentido de um contrário. Este proporcionaria uma maior complexificação da questão, no qual outras forças possam se colocar e se constituir enquanto nosso arcabouço cultural, respeitando de forma mais adequada a heterogeneidade da velhice.

Essa nova cultura, essa nova possibilidade de pensar e trabalhar com o idoso não se sabe qual vai ser, quais suas características, mas deve forçar no sentido contrário a essa corrente que supervaloriza a questão da atividade como salvadora, detentora de todas as virtudes e redentora de todos os males relacionados

ao envelhecimento. Usando-se ainda as idéias que Saviani traz para a educação, a expectativa é que, com a inflexão da vara para outro lado, possa se atingir um ponto que possibilite a interação de novas possibilidades, “lutando contra os mecanismos hegemônicos, abrindo espaços para as forças emergentes da sociedade” (SAVIANI, 1985, p. 61).

Conclusão

O idoso de hoje estruturou-se como sujeito numa cultura que difunde a ideologia da produção, do consumo, o que está intimamente relacionado ao estímulo da atividade. O idoso já sofre uma penalização social ao se afastar da lógica da produtividade com a aposentadoria. Portanto, faz-se necessário promover uma revisão desse paradigma para que o trabalho com os idosos possa levar em conta suas potencialidades e necessidades de maneira mais global. Ampliando a visão que se tem deste, incluem-se aspectos psicológicos e sociais, que também são importantes para o processo de individuação.

É necessário que se criem espaços, brechas, novas possibilidades de viver o envelhecimento, para além da atividade que está atrelada ao sujeito fisicamente ativo. Como já foi apontado, o trabalho com os idosos deve estimular também a participação na vida social, cultural, espiritual e cívica, incentivando a autonomia e a independência, adequando-se à heterogeneidade característica dessa população.

Podemos pensar que o ponto que vivemos hoje, de supervalorização da atividade, já pode ser uma oposição ao anteriormente vivido em termos de envelhecimento, mas, com certeza, o ponto de

hoje não dá conta de assistir ao idoso da nossa sociedade. Não se sabe que modificações ocorrerão em relação ao que está posto, nem como poderemos avançar, mas esse é um processo que está em andamento e precisa ser acompanhado atentamente.

Novas possibilidades de trabalho com idosos devem ocorrer através de uma reflexão mais crítica sobre as questões relativas ao envelhecimento, como nos coloca Alves Júnior (2004), pois, se não for assim, as intervenções tenderão a continuar inócuas, muitas vezes infantilizando e escolarizando os conteúdos nos projetos de intervenção. Ressalta também a importância da preparação dos que vão trabalhar com os idosos e aposentados, para estarem atentos às especificidades de um grupo que não é homogêneo, diferenciando-o substancialmente das crianças e dos adultos jovens. Esses profissionais devem programar atividades de tempo livre no sentido de afastar-se das atividades sem sentido, com o objetivo apenas de preencher os espaços vazios de modo passivo, estimulando a ressignificação da noção do tempo.

Abstract

This article discusses the appreciation and dissemination of the culture of healthy aging, widely spread in works performed with the elderly and obtained mainly through the physical activities. From the understanding of the Disengagement and Activity theories in works from the field of Gerontology, we observed that the Activity Theory is currently used as a major reference in most works with this

population. Such perspective stimulates a “reprivatization of old age”, as pointed out by Debert, and favors the onset of a “culture of activity” (culture according to Clifford Geertz). Finally, “the rod theory” is adopted in order to try to understand how the accomplishment of works with the elderly can change hereafter in view of an adjustment to the heterogeneity that marks such age group.

Key words: activity theory, the elderly, culture, heterogeneity.

Referências

- ALVES JÚNIOR, E. D. Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 57-71, maio/ago. 2004.
- BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. p. 7-15.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CALLONI, H. Sobre o conceito de cultura. *A didática em revista*, Furg, v. 2, n. 3, jul./dez. 1995.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século Edições, 1999.
- DEBERT, G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- LADISLAU, L. Lazer e participação social. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 7-25, Ago. 2002.
- LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LEHR, Ú. *Psicologia de la senectud*. Barcelona: Herder, 1980.

ORGANIZAÇÃO MUNCIAL DA SAÚDE. *Active Ageing - A Policy Framework - Noncommunicable Diseases and Mental Health Promotion Department – Ageing and Life Course*. 2002. Disponível em: <<http://www.who.int/hpr/ageing>>. Acesso em: 27 set. 2005.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br/>>. Acesso em: 27 set. 2005

PY, L.; TREIN, F. Finitude e infinitude: dimensões do tempo na experiência do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 1013-1021.

SALGADO, C. D. S. *Gerontologia social*. Porto Rico: Publicaciones Puertorriqueñas, 1999.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 8. ed. São Paulo: Cortez e Editores Associados, 1985.

SILVA, T. M. N. A construção e uma pedagogia para o idoso. *A terceira idade*, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 62-75, ago. 2002.

SILVEIRA, J. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/indiv.htm>>. Acesso em: 26 set. 2005.

STUART-HAMILTON, I. *A psicologia do desenvolvimento*: uma introdução. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Endereço:

Priscila Zazyki Marques
Rua Cel. Massot, 563/110
Bairro Camaquã
CEP 91910-530
Porto Alegre - RS
E-mail: priscila.marques@pop.com.br